

O Abuso Sexual e o seu Desdobramento na Aprendizagem: Uma Reflexão acerca da Inclusão

Kátia De Conto Lopes ¹

Ronalisa Torman ²

RESUMO

O artigo a seguir é fruto de pesquisa realizada no Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia (NAEP) do Centro Universitário Feevale, onde a cada dia nos defrontamos com mais casos de pacientes com dificuldades de aprendizagem, que sofreram abuso ou violência sexual. O abuso sexual se apresenta sem distinção de idade, raça ou classe social. A Psicopedagogia, sendo uma área de conhecimento que trabalha com o aprender e o não aprender, tem como objetivo investigar a relação destes sujeitos que sofreram abuso sexual com a falta de desejo de aprender. A partir dessa realidade, são realizadas algumas reflexões acerca do abuso sexual sofrido por estes pacientes, da dificuldade de aprendizagem que eles apresentavam e da situação de inclusão momentânea que todos estavam vivenciando.

PALAVRAS-CHAVE

Psicopedagogia. Abuso Sexual. Aprender. Inclusão.

ABSTRACT

The following article is derived from the research achieved at the Service Center and Extension in Psychopedagogy at University Center Feevale, where everyday we face more cases about patients with difficulties of learning, who suffered abuse or sexual violence. The sexual abuse presents itself without distinction of age, race or social class. The Psychopedagogy being a knowledge area that works

with the to learn and the not to learn, has as objective to investigate the relation of these individuals who suffered sexual abuse to the lack of desire to learn. From this reality, are carried out some reflections about the sexual abuse suffered by these patients, the difficulties of learning that they showed and the situation of momentary inclusion that everybody was living.

KEYWORDS

Psychopedagogy. Sexual Abuse. To learn. Inclusion.

O NAEP é o Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia do Centro Universitário Feevale, que oferece atendimento psicopedagógico para crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem.

Além deste atendimento, o Núcleo possui um grupo de estudos que busca estabelecer a relação entre a teoria e a prática, através de leituras, discussões e pesquisa. Esse grupo era composto, no ano de 2006, por três psicopedagogas voluntárias, uma psicopedagoga efetiva e a coordenadora, que é psicopedagoga e psicóloga.

Estas profissionais, em julho do ano acima referido, iniciaram uma pesquisa sobre a relação entre o abuso sexual e as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos pacientes atendidos no Núcleo,

¹ Graduada em Pedagogia (Orientação Educacional) e pós-graduada em Psicopedagogia (Abordagem Clínica e Institucional) na Feevale. E-mail: katialopes@feevale.br.

² Professora da Feevale e coordenadora do Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia (NAEP). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na UNISINOS. Psicóloga e Psicopedagoga. E-mail: ronalisa@feevale.br.

visto que, em um levantamento estatístico realizado pelas psicopedagogas, foi constatado que um número significativo de pacientes havia sido abusado sexualmente. Numa amostragem de dezoito pacientes, constatou-se que, entre estes, seis sofreram abuso sexual, ou seja, 33% da amostra. Destes, três eram do sexo masculino e três do sexo feminino, cinco foram abusados no período da infância e um foi abusado na adolescência. Naquela ocasião, os pacientes apresentavam idade entre nove e vinte e um anos. Todos freqüentavam o ensino fundamental. É importante salientar que, desta amostra, cinco pacientes foram abusados por alguém próximo da família e um foi abusado por familiar.

Pretende-se estabelecer relações entre o abuso sexual sofrido pelos pacientes que receberam atendimento psicopedagógico, a dificuldade de aprendizagem que eles apresentavam e a situação de inclusão momentânea que todos estavam vivenciando. Partindo-se do pressuposto de que toda criança, jovem ou adulto, para construir seu processo de aprendizagem, deve estar em condições psíquicas saudáveis, estes sujeitos, uma vez abusados sexualmente, não apresentavam, no momento do atendimento psicopedagógico, essas condições, o que os remetia à inclusão, pois demandavam necessidades educacionais especiais.

Primeiramente, torna-se importante definir o que é abuso sexual:

O termo abuso é utilizado para definir uma forma de violência contra crianças e adolescentes, repetitiva e intencional, na qual alguém geralmente próximo a criança, usa do poder e/ou da força física para envolvê-la em atos aos quais não está apta em nível biológico, psicológico ou cultural. (CAMINHA, 1994, p.45).

Há muito tempo o abuso sexual contra crianças, jovens e adultos deixou de ser apenas uma preocupação e um motivo de intervenção de um grupo restrito de profissionais. No campo da saúde, somente a partir dos anos 60 é que se percebeu um real interesse para a questão da violência contra crianças, principalmente por parte da pediatria, influenciada pelo movimento feminista, que denunciou as agressões ocorridas. No entanto, foi a partir dos anos 80 que se passou a perceber, realmente, uma modificação no modo de lidar com a infância e a adolescência no Brasil. O momento político de abertura democrática propiciou pesquisas e discussões sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, surgindo, então, várias associações, serviços e profissionais que desenvolveram trabalhos voltados às vítimas de violência sexual.

O abuso, entre os tipos de violência contra a criança e o adolescente, é considerado o mais grave em termos de prejuízos psicológicos.

O abuso sexual pode ser considerado uma Síndrome de Segredo pois, na maioria das vezes, as crianças encontram dificuldades em revelar o que lhes aconteceu. Uma das razões para isso é a falta de preparo de quem recebe a denúncia para lidar com o tema. [...] é necessário que o profissional tenha capacidade pessoal e profissional para lidar com o assunto, assim como uma estrutura de apoio. (FURNISS, 1993, p. 56).

Refletir, falar e discutir sobre o abuso sexual contra crianças é um grande tabu. Os pais ou responsáveis muitas vezes permanecem calados, impotentes frente à situação. O relacionamento familiar torna-se perverso e cruel, que pode ser chamado de relação familiar patológica. A atitude de silenciar desorganiza os papéis ocupados por cada elemento da família, que, a partir do abuso, se coloca inconscientemente frente a uma incapacidade de discriminação de limites, evidenciando então uma relação de poder, sedução e submissão.

O segredo pode permear o ambiente familiar, seja por medo, por vergonha ou mesmo por descaso. Este segredo refere-se não tanto ao desconhecimento, mas à impossibilidade de citar ou comentar um fato, a partir da não possibilidade de simbolizar esta situação. Aquele que guarda o segredo pode apresentar problemas de aprendizagem da ordem do sintoma e as dificuldades em tal caso surgirão das mais diversas formas.

Não poderíamos dizer que o aprender está *atrapado* em sua totalidade, mas nesta dialética que a aprendizagem normal implica entre o mostrar e o guardar, se somente se entender o guardar, sem sentir-se com direito a mostrar, pode culpabilizar-se extensivamente todo o guardar como se fosse um esconder, e então ir se perdendo paulatinamente também a possibilidade de guardar. (FERNÁNDEZ, 2002, p.101)

A escola é um local onde as crianças revelam aos adultos o que sabem, mas os segredos familiares representam um conhecimento do qual elas não podem sequer saber que sabem. Esta situação, na qual a criança não pode permitir a si mesma saber o que sabe, ou dizer o que conhece, leva freqüentemente ao fracasso escolar, à inibição cognitiva ou à oligotimia.

A criança ou o adolescente abusado sexualmente pode perder o desejo pela aprendizagem, apresentando condutas diferentes daquelas que até então mostrava. Muitas vezes a dificuldade de atenção, de socialização e de aquisição de conhecimentos, são alguns sinais que o abusado apresenta após o fato ocorrido.

Geralmente é através dos problemas de aprendizagem que os pacientes mostram seu embotamento emocional e/ou cognitivo, fruto desta violência sofrida. A experiência traumática de ter sofrido

abuso sexual influencia os processos de aprendizagem e a formação da personalidade do sujeito, sendo necessário o atendimento profissional adequado.

Quando o sujeito não consegue “traduzir-se”, algo não vai bem, uma das instâncias - corpo, inteligência, organismo ou desejo - está fraturada ou fragmentada, prejudicando o todo. O sintoma é a representação daquilo que não está bem, estando sempre contextualizado, fazendo parte de um todo maior. Este sujeito precisa do olhar e da escuta do psicopedagogo, como alguém que o acolha, que crie vínculos e que, por meio do processo de diagnóstico e de intervenção, oportunize que o sujeito ressignifique seu processo de ensino e aprendizagem. No entanto, para que isso aconteça, é preciso desvelar onde se encontra o desejo e o prazer de saber neste sujeito, que deve ser resgatado, em sua singularidade, através do olhar do outro.

Conforme Cordié (1996), quando a pulsão do saber é interditada, o desejo fica abandonado. Assim, teremos um sujeito que simplesmente não aprende, pois aprender implica um desejo, um projeto, uma perspectiva.

Os pacientes que representavam a amostra desta pesquisa e que recebiam atendimento psicopedagógico no NAEP estavam em uma situação de inclusão momentânea na escola onde estavam inseridos, pois apresentavam uma impossibilidade de aprender.

[...] a fábrica de pensar não se situa nem dentro nem fora da pessoa; localiza-se “entre”. A atividade de pensar nasce na intersubjetividade, promovida pelo desejo de fazer próprio o que é alheio, mas também é nutrida pela necessidade de nos entender e de que nos entendam. (FERNÁNDEZ, 2001, p.21).

Por seu turno, a proposta de inclusão é muito mais abrangente e significativa, pois, para além de um entendimento mútuo, o simples fazer parte dela passa necessariamente pelo fato de assegurar e garantir sua ativa participação em todas as atividades do processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem que sofreram abuso ou violência sexual são aqueles que não apresentam uma deficiência “real” e que quase sempre continuam sem as respostas educativas de que necessitam, o que os torna, potencialmente, sujeitos excluídos, ainda que presentes nas escolas.

Esta escola se tornará inclusiva para o aluno em situação de inclusão momentânea, na medida em que, além de acolhê-lo, se dispuser a efetivamente analisar as variáveis que representam barreiras para a aprendizagem.

Independentemente do *locus* das barreiras, elas devem ser identificadas para serem enfrentadas, não como obstáculos intransponíveis e sim como desafios aos

quais nos lançamos com firmeza, com brandura e muita determinação. (CARVALHO, 2004, p. 128).

Esse sujeito que, no momento, não apresenta seu desejo canalizado para a aprendizagem e inconscientemente desloca-o para a sedução, a culpa e o medo, tem uma imagem distorcida de si mesmo. Ele pode encontrar, em seu abusador e agressor, esse mesmo registro e encontra, muitas vezes, no aprender, uma possibilidade de ressignificação da sua autoimagem e, conseqüentemente, de sua construção de conhecimento.

Crianças e adolescentes expostos à violência intencional e repetitiva registram estes abusos como “verdades”, e estas verdades internas, os padrões mentais representacionais afetivos serão mediadores de suas relações sociais.

Uma criança submetida a um adulto perverso terá dificuldades de se relacionar com a própria sexualidade, com os limites da sociedade e com a discriminação de si e do outro, elementos estes importantes para a convivência social e para a aprendizagem de maneira geral. O abuso deixa a criança muito confusa entre o bom e o mau, pois às vezes o ser mais amado é justamente o abusador.

A criança que foi abusada pode sentir um profundo amor pela figura de quem abusa dela e esse amor pode ser mais forte do que o medo ou desgosto pela violência sofrida. Ela pode temer mais o abusador do que propriamente o ato em si. Os pacientes geralmente se identificam com o agressor. Identificar significa *ser e não ver* alguém. É preciso reter a informação de que os pais podem apresentar uma compulsão inconsciente, poderosa, de repetir as circunstâncias de suas próprias infâncias. Regularmente descobrimos que abusadores são aqueles que sofreram abusos de seus pais quando eram crianças. Crianças são muito fáceis de seduzir porque elas querem ser seduzidas. E nós aprendemos que, em circunstâncias terríveis de falta de amor contínuo dos pais, de indiferença e de ódio, as crianças voltam-se para a sedução, para provocação de espancamento, a fim de receber alguma atenção, para preencher a necessidade imperativa de serem cuidadas.

As vítimas do abuso sexual, principalmente as crianças, acabam por sofrerem caladas as terríveis conseqüências físicas e psicológicas da violência sofrida. A aceitação da dor do trauma a que foram submetidas é um processo complexo e longo, que precisa ser verbalizado e trabalhado, a fim de que as vítimas se sintam compreendidas e acolhidas no meio onde estejam inseridas. Caso não haja um olhar específico para esta vítima, a hostilidade é geralmente deslocada para pessoas de fora da família, muitas vezes desviada para aqueles que já são vítimas de perseguição, para grupos ou pessoas que sofrem algum tipo de discriminação.

Se a criança apresenta problemas de aprendizagem é porque não distingue todas as ordens, porque confunde o que *quer* com o que *é* o processo de identificação (da dimensão dramática) e o de assimilação (da dimensão cognitiva) não podem ser confundidos. A possibilidade de fazer estas distinções são a base da saúde. Qualquer tipo de perturbação entre o que é objetivo e o que é o universo interno, o que é a lei de fora e o que é a lei própria, qualquer confusão entre estas ordens produz transtornos porque não permite ao sujeito uma boa leitura da realidade, e nem uma boa leitura das possibilidades dele mesmo. Não sendo capaz de conhecer suas próprias leis, o indivíduo as projeta sobre o outro e sobre as coisas que vê de si mesmo. (PAÍN, in PARENTE, 2000, p.91)

A situação traumática caracteriza-se por um excesso de excitação que invade o aparelho psíquico. Torna-se patológica quando a experiência remete o sujeito a um desamparo que o aprisiona e o imobiliza, impossibilitando a reorganização psíquica. Ao querer manter o segredo, sentindo-se culpabilizado, o sujeito aprisiona o desejo de conhecer. Para os sobreviventes de abuso ou violência sexual, essa culpa evolui para uma forte necessidade de punição. É fácil matar tanto as almas quanto os corpos das crianças, matar as almas implicaria suprimir a alegria da vida, que depende de ter sido gostado e de ser capaz de gostar de outro ser humano. Deve haver um mínimo de carinho e algum tipo de aceitação por parte dos pais para que o abusado sobreviva.

Assassinato da alma envolve a deliberada traumatização ou privação por parte de uma autoridade (parental) de quem esta é encarregada (criança). A vítima é roubada de sua identidade e da habilidade de manter sentimentos autênticos. [...] a necessidade de identificar-se (com) e de manter a ilusão de um bom progenitor aumenta a difícil resistência da negação. Paradoxalmente, a fim de sobreviver e de se ajustar, algumas destas pessoas tão trauma-tizadas quando crianças desenvolvem forças e talentos incomuns". (SHENGOLD, 1979, p.533).

A necessidade de um/a pai/mãe carinhoso(a) e salvador(a) é tão intensa que a criança precisa romper com o registro do que ela sofreu e, ilusoriamente, estabelecer dentro de sua mente a existência de um/a pai/mãe amoroso(a) que vai cuidar dela e que deve realmente estar certo(a). O sujeito que sofre violência sexual por parte dos familiares ou por alguém próximo da família precisa, freqüentemente, chamar por eles mesmos para socorro e proteção. Quando a situação de violência ocorre na família, um dos progenitores é,

muitas vezes, fraco demais ou ausente, ou um cúmplice inconsciente do abusador, podendo esta situação ser uma conspiração inconsciente ou uma cooperação entre os pais, mesmo que apenas seja o agente ativo.

A busca por soluções depende muito do desejo e da coragem da família de enfrentar esta situação, e a Psicopedagogia se apresenta como uma possibilidade, sendo que é um campo de conhecimento que percorre diferentes caminhos na busca do motivo do não aprender, dos sujeitos que trazem a marca do sofrimento físico e psíquico do abuso sexual.

Como pudemos constatar nos atendimentos psicopedagógicos a pacientes que sofreram abuso sexual, lidar com essa problemática é uma tarefa árdua, pois envolve não só aspectos emocionais do profissional que está atendendo a criança ou o adolescente, como também questões referentes à sua qualificação científica.

Como sugestão, propõe-se o trabalho interdisciplinar, o que proporcionaria uma maior compreensão do caso, a partir do engajamento de profissionais de diferentes áreas. Estes especialistas que atuam diretamente com crianças que sofreram abuso sexual são de fundamental importância para que as vítimas deste tipo de violência possam vislumbrar uma vida psíquica saudável.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, R.M.; FLORES, R.Z. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**: algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. Revista de Psiquiatria do RS, v.16, nº 2, 97-176, maio/agosto, 1994.
- CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva com os pingos nos 'is'**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2004.
- CORDIÉ, A. **Os Atrasados não existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2002.
- _____. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.
- FURNISS, T. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. Manejo, terapia e intervenção legal integrados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- PARENTE, S. **Encontros com Sara Paín**. 1. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.
- SHENGOLD, L. L. **Maus tratos e privação na infância**: assassinato da alma. Revista CEAPIA. Porto Alegre: nº 12, p.7-26, novembro, 1999.